

## Índice

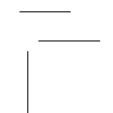
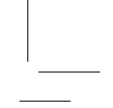
Nota introdutória.....	9
Preâmbulo.....	13
Primeiro diálogo: O que é a morte?.....	17
1. A perspectiva cartesiana.....	17
2. A perspectiva animalista.....	37
3. A perspectiva do cérebro pensante.....	43
4. A perspectiva neolockiana.....	50
5. Fissão pessoal.....	70
6. A importância da identidade pessoal.....	83
Segundo diálogo: O que torna a morte um mal? .....	93
7. Delimitação do problema .....	93
8. A perspectiva comparativista.....	98
9. Objecções ao comparativismo .....	116
10. A perspectiva do ganho prévio.....	134
11. A perspectiva dos desejos .....	145
12. O mérito e o mal impessoal da morte .....	155
Terceiro diálogo: Mas será a morte um mal?.....	161
13. O dever de não matar.....	161
14. O argumento de Epicuro.....	179

15. O argumento de Lucrecio.....	199
16. Mortalidade.....	217
Referências comentadas.....	229
Bibliografia .....	235
Índice analítico.....	239

Para Jeff McMahan,

porque só um filósofo não levaria a mal que um livro com este tema lhe fosse dedicado, mas sobretudo por ser o filósofo moral vivo que mais admiro, com o desejo de que se mantenha assim por muitos anos.

Este livro deve-lhe mais do que a qualquer outro filósofo.



## *Nota introdutória*

Este é um livro sobre *filosofia* da morte. Há questões interessantes sobre o modo como as pessoas lidam com a morte, ou sobre as variadíssimas práticas culturais relacionadas com a morte, mas essas questões pertencem à psicologia, à antropologia e a disciplinas conexas. As questões filosóficas que a morte suscita são diferentes.

Uma delas, metafísica, é a de determinar o que é isso da morte. Fará sentido identificar a morte de uma pessoa — de uma pessoa *humana* — com a morte do seu organismo, ou será essa identificação um erro? O primeiro diálogo deste livro centra-se nesta questão.

Os outros dois diálogos incidem em problemas axiológicos, que de uma forma ou de outra respeitam ao *mal* da morte. Costumamos presumir que, pelo menos geralmente, a morte é um grande mal para quem morre. Mas será isto verdade? E, se for, em virtude de que factos será a morte um mal? Eis outra suposição comum: a mortalidade é uma condição deplorável. Terá razão quem pensa assim? O último diálogo termina com esta questão.

Se cedesse a um contraste de ideias pouco imaginativo, diria que a filosofia da morte tem estado particularmente viva nas últimas décadas. A prova disso está na última parte do livro, onde apresento referências bibliográficas para quem tencione aprofundar o estudo desta lúgubre matéria. Como quis os diálogos limpos de notas de rodapé ou de fim, para que pudessem ser lidos com uma fluência ininterrupta, é também só nesta parte que indico as fontes das perspectivas discutidas. Também para não quebrar a fluidez dos diálogos, preferi não os segmentar em secções. Mas estas, embora invisíveis no corpo do texto, não deixam de existir. Estão no índice inicial e o número de cada uma delas aparece no seu começo.

O diálogo filosófico é quase tão antigo como a própria filosofia. Como género *literário*, tem as suas armadilhas, não raras vezes ilustradas mesmo por alguns dos melhores filósofos. Por vezes os interlocutores não têm um pingão de alma, ficando reduzidos a porta-vozes de ideias filosóficas. Também por vezes, encontramos de um lado o fiel representante do autor, fadado a vencer a discussão; do outro, alguém confuso, ingénuo ou desonesto, que nos piores casos parece pouco mais do que um asno.

Estando consciente destas armadilhas, fugi delas o melhor que pude. Os meus quatro interlocutores, assim espero, não são meras máquinas de debitar argumentos e contra-argumentos. Todos são filósofos exímios, mas temperamentalmente muito diversos, como deverá notar-se aos poucos. E diferem não só no temperamento e (claro!) nas perspectivas que advogam, mas também na sua personalidade epistémica, por assim dizer: na sua assertividade e no apego às suas convicções (coisas que não têm de andar juntas, note-se), no seu apreço

pelo rigor ou pela parcimónia, também na importância que dão aos juízos do senso comum. Nenhum deles sai vencedor, nenhum é derrotado.

Ao leitor, portanto, não posso prometer o conforto de uma resposta triunfante no final de cada diálogo. Aliás, continuo com muitas incertezas, de graus variáveis, a respeito dos problemas aqui examinados — e algumas delas ganharam força à medida que escrevia o livro. Todavia, se fui bem-sucedido, quem leia estes diálogos poderá alargar a sua compreensão da natureza e do mal da morte (se esta for um mal), inteirando-se das linhas principais da discussão filosófica do assunto e, garanto, encontrando pelo caminho uma série de pensamentos intrigantes, surpreendentes ou mesmo estarrecedores.

Um dia, talvez escreva outro conjunto de diálogos com as mesmas personagens. Gostei de as ter conhecido! Seja como for, pelo menos neste livro elas vivem — e por essa razão hão-de estar gratas aos que me ajudaram a fazer isso acontecer. Eu também estou. O meu primeiro agradecimento vai para o Aires Almeida:

Que me desafiou para escrever uma introdução à filosofia da morte, porque na altura eu leccionava uma cadeira sobre o tema na Faculdade de Letras;

Que depois esperou muito até eu me decidir a aceitar o desafio, já que, na verdade, não me apetecia nada escrever essa introdução no expectável modo expositivo;

Que aceitou a proposta, um tanto arriscada, de o livro consistir em diálogos, ainda para mais ilustrados;

E que voltou a ter muita paciência quando, mais tarde, esses diálogos não lhe chegaram às mãos dentro do prazo combinado, nem nada que se parecesse.

Ao Frederico Rogeiro, agradeço a disponibilidade para ilustrar este livro. Os seus desenhos valorizam-no,

dão-lhe outra graça, tendo ainda o efeito desejável de afastar o leitor sisudo, que esperaria encontrar nestas páginas sentenças oraculares sobre a Morte, ou talvez o comprazimento de uma qualquer atracção mórbida.

Além do Aires e do Frederico, os meus colegas e amigos Domingos Faria, Paulo Ruas e Ricardo Santos, bem como a minha mulher, Paula Mateus, leram pelo menos parte do livro enquanto o escrevia. Estou-lhes muito grato pelas suas apreciações e correcções.

O meu último agradecimento vai também para o Aires Almeida.



## *Preâmbulo*

Já não era novo, mas estava ainda longe da velhice, embora a sua posição na hierarquia militar pudesse fazer supor o contrário. O General Grant morreu há pouco mais de quinze dias. A sua morte, não sendo repentina, apanhou-o bastante de surpresa, visto que há menos de um mês parecia gozar de plena saúde. Excepto no último dia, a doença não o fez sofrer muito. Manteve-se lúcido até ao fim, pelo que dispôs de tempo suficiente para se despedir dos amigos, visitar alguns livros, planear o seu próprio funeral e escolher a sua sepultura, que sobretudo havia de ser modesta.

O interesse pelas indagações filosóficas levou o General Grant a frequentar o salão de Lady Lucy, em Londres, onde se reuniam alguns dos espíritos mais sagazes da cidade — e também um segmento apreciável de pedantes e bajuladores, na sua opinião. Quando Lady Lucy o visitou pela última vez, o general, ciente da iminência do seu fim, fez-lhe um único pedido. Gostaria de uma espécie de homenagem póstuma, que seria esta: para celebrar o seu gosto pela filosofia, ser-lhe-iam dedicadas várias sessões de discussão filosófica. Três,

mais precisamente, uma por semana e todas sobre o mesmo tema: a morte. Deixaria escritas três perguntas muito sucintas, selando cada uma delas num envelope numerado, que só deveria ser aberto à hora prevista para o começo do debate. Assim fez. A Lady Lucy, como de costume, caberia moderar as discussões, sem se inibir de ter voz activa nas mesmas. Estas, no entanto, deveriam ficar confinadas a um círculo muito estrito do seu salão, constituído por apenas quatro pessoas, e isto a contar com ela própria. Vejamos então, por idade decrescente, a quem o General Grant confiou a realização do seu desejo final.

O mais velho é o Prof. Pohl, um médico alemão, agora distinto professor de Filosofia Natural e Experimental. Descendo à meia-idade, encontramos o Rev. Royce, escocês, arguto defensor da ortodoxia contra as opiniões dos livres-pensadores, porém bastante desprovido de animosidade e sempre disponível para uma troca franca de ideias. Lady Lucy estranhou a última escolha: Pierre Perrier, um jovem literato francês muito dado à boémia e autor de um par de peças teatrais, ainda por representar, bem como de alguns panfletos anónimos que indispuseram meia cidade.

De pessoas tão singulares e diversas, alguma vez poderia resultar uma série de conversas aborrecidas?

